



Revista FAMECOS: mídia, cultura e  
tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul  
Brasil

Vimieiro, Ana Carolina; Moreira Maia, Rousiley Celi

Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a  
identificação de frames culturais

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 18, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 235  
-252

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551007017>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Revista

# FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Mídias

## Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais

Indirect media frame analysis: a methodological alternative to identify cultural frames

**Ana Carolina Vimieiro**

Mestre em Comunicação Social pela UFMG/MG/BR. carolina.vimieiro@gmail.com

**Rousiley Celi Moreira Maia**

Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG/MG/BR. rousiley@fafich.ufmg.br

### RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de formular uma metodologia para a *análise indireta de enquadramentos da mídia*. Nosso argumento principal é o de que a codificação de elementos mais explícitos no texto, ao invés da codificação do enquadramento como variável singular, propicia maior validade e confiabilidade à análise. O artigo é dividido em três partes: primeiro, exploramos os procedimentos metodológicos tradicionalmente empregados na *frame analysis*; na sequência, propomos alguns métodos para a identificação indireta de enquadramentos; por fim, aplicamos a metodologia a um caso empírico. Adotamos uma perspectiva conceitual que entende os enquadramentos da mídia como padrões de interpretação culturais. Porém, diferentemente de grande parte dos estudos que optam por tal abordagem, identificamos os *frames* através de elementos mais objetivos e explícitos do que o próprio *frame*.

**PALAVRAS-CHAVE:** enquadramentos da mídia; *frames* culturais; metodologia

### ABSTRACT

This work aims to formulate a methodology for the *indirect analysis of media frames*. Our main argument is that coding more explicit elements in the text instead of coding frames as a particular variable provides more validity and reliability to the analysis. The paper is divided into three parts: at first, we explore the methodological procedures traditionally applied in the frame analysis; next, we offer some methods for the indirect identification of frames; lastly, we apply the methodology to an empirical case. We adopt a conceptual perspective that understands media frames as cultural patterns of interpretation. However, in contrast with most of the studies that are based in the same approach, we identify frames by more objective and explicit elements than by frames themselves.

**KEYWORDS:** media frames; frame analysis; methodology

**A** análise de enquadramentos é uma ampla corrente de estudos que tem suas origens geralmente atribuídas a Erving Goffman (1974) e a Kahneman e Tversky (1984). No campo dos estudos da mídia, os enquadramentos começam a ser estudados empiricamente nos anos 80. O trabalho pioneiro de Todd Gitlin (1980) investiga a cobertura jornalística relacionada ao *Students for a Democratic Society* (SDS), um tradicional movimento estudantil dos EUA na década de 60. Gamson e Modigliani (1989) e Gamson (1992) também analisam material midiático a partir do conceito de *frame*. Posteriormente, Entman (1993, 2004) também fornece elementos substanciais para a consolidação desta área como um vasto campo de pesquisas sobre debates de temas públicos que ganham expressão midiática.

Este campo de estudos sofreu diversas críticas ao longo desses quase 40 anos desde o trabalho de Goffman. As críticas se concentraram, sobretudo, na ausência de fundamentação teórico-conceitual da própria noção de enquadramento, ou, mais precisamente, na profusão de conceitos de *frame* utilizados pelos pesquisadores em seus trabalhos. Diante de tais críticas, nos anos 90 e no início dos anos 2000, diversos autores enfrentaram a tarefa de estruturar conceitualmente a área. Todavia, menos que reunir essas diversas linhas de trabalho em uma noção única, ou uma forma específica de abordagem, eles buscaram estabelecer uma diferenciação clara de modelos e conceitos (Reese, 2001; Zhongdang e Kosicki, 2001; Entman, 1993; D'angelo, 2002)<sup>1</sup>. Assim, hoje, menos do que a falta de consistência teórica há, neste campo, diferentes perspectivas fundamentadas em noções distintas de enquadramento ou em paradigmas diferenciados.

Hoje o grande desafio desse campo de estudos parece dizer respeito ao aspecto metodológico. Como indicado, os estudos empíricos sobre os enquadramentos da mídia têm início na década de 80, porém, a preocupação com o rigor metodológico é mais recente. O *frame* continua a ser uma variável bastante abstrata, difícil de identificar e de codificar na análise de conteúdo, independentemente da perspectiva adotada (Matthes e Kohring, 2008). E essa dificuldade acaba levando o pesquisador a recorrer a métodos pouco seguros e bastante limitados em termos de validade (Matthes; Kohring, 2008; Tankard, 2001). Vários trabalhos não detalham efetivamente como se realizou a codificação dos enquadramentos ou, então, relatam métodos obscuros, em que o impacto do próprio codificador na análise pode prejudicar a confiabilidade dos resultados obtidos.

A partir da discussão já iniciada por Matthes e Kohring (2008) acerca dos procedimentos metodológicos adotados nos estudos empíricos de enquadramentos da mídia, pretendemos, neste artigo, apresentar o que chamamos de *análise indireta de enquadramentos*. Os procedimentos aqui indicados foram utilizados em um estudo sobre a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência, de 1960 a 2008 na imprensa brasileira. A pesquisa analisou 364 notícias publicadas neste período nos veículos *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *Veja*<sup>2</sup>. Neste artigo, exploramos conceitualmente a metodologia empregada, com o objetivo de esclarecer os procedimentos da análise indireta, apresentar suas contribuições para a *frame analysis* e pontuar os desafios que permanecem no horizonte. É preciso indicar, ainda, que nossa discussão e os procedimentos metodológicos seguem uma noção específica de enquadramento, a perspectiva chamada de cultural pelos pesquisadores dessa área. E é justamente entre aqueles que optam por essa abordagem que existem os maiores problemas relacionados à identificação empírica dos enquadramentos. Na seção seguinte, apresentaremos os tipos mais frequentes de aplicação metodológica.

### **Procedimentos metodológicos adotados em estudos sobre enquadramentos da mídia**

Matthes e Kohring (2008) estabeleceram uma diferenciação entre cinco tipos de abordagens metodológicas mais recorrentes na literatura sobre enquadramentos da mídia. De acordo com os autores, podemos nomear essas perspectivas em *hermenêutica*, *linguística*, *holística manual*, *assistida por computador* e *deditiva*. Os autores chamam a atenção para a preocupação recente dos estudiosos da área em criar métodos mais estruturados e menos abstratos de codificação dos *frames*.

A perspectiva *hermenêutica* é adotada por diversos estudos que tentam identificar os enquadramentos através do fornecimento de uma avaliação interpretativa dos textos da mídia, ligando os *frames* a elementos culturais amplos. Partindo de um paradigma qualitativo, esses estudos se baseiam em pequenas amostras que refletem o discurso de uma temática ou de um evento. Tipicamente, os enquadramentos são descritos detalhadamente e nenhuma quantificação é fornecida. Esses estudos, ainda que bem documentados e bem conduzidos nas discussões acerca dos enquadramentos, não deixam claro como os *frames* são extraídos do material.

Além disso, os trabalhos que adotam esta abordagem incorrem no risco de os pesquisadores encontrarem aqueles enquadramentos que eles conscientemente ou inconscientemente estão buscando. Tankard (2001) também atenta para os perigos desse tipo de método em que o “pesquisador trabalha sozinho, como um especialista, para identificar os enquadramentos no conteúdo da mídia”. Segundo o autor, “essa perspectiva faz da identificação dos enquadramentos um processo bastante subjetivo” (Tankard, 2001, p. 98, tradução nossa). Downs (2002) fala de uma subjetividade inerente da perspectiva hermenêutica. Segundo o autor, nesses estudos, uma descrição cuidadosa pode ser a única forma de convencer os leitores da existência e validade dos *frames*.

A perspectiva *linguística*, por sua vez, é aquela que marca os estudos em que os enquadramentos são identificados pela análise da seleção, localização, estrutura de palavras e sentenças específicas no texto. A ideia básica dessa perspectiva é que palavras específicas são os “tijolos” dos *frames* (Entman, 1993). Essa vertente se diferencia da *hermenêutica* pelo fato de os pesquisadores determinarem claramente os elementos linguísticos que significam um enquadramento, além dos pressupostos teóricos serem claramente diversos. De acordo com Matthes e Kohring (2008), a maior vantagem dessa abordagem é a análise sistemática e cuidadosa dos textos noticiosos. Todavia, a complexidade desordenada desses trabalhos faz com que a *frame analysis* padronizada de grandes amostras se torne bastante difícil de ser realizada. Além disso, “permanece um pouco obscuro como todas essas características são finalmente tecidas juntas para significar um enquadramento” (Matthes; Kohring, 2008, p. 260, tradução nossa).

A perspectiva *holística manual* é aquela em que os enquadramentos são primeiramente gerados por uma análise qualitativa de alguns textos noticiosos e então são codificados como variáveis holísticas em uma análise manual de conteúdo. São dois movimentos que marcam os estudos levados a cabo por este método: primeiro, cria-se uma espécie de lista de códigos – o que Matthes e Kohring (2008, p. 260) chamam de *codebook* – a partir da análise em profundidade das notícias. E, então, o material é analisado quantitativamente a partir desses códigos pré-definidos. Os autores afirmam que “a confiabilidade e a validade dessa abordagem dependem fortemente da transparência na extração dos enquadramentos”. Do ponto de vista metodológico, o problema é o mesmo da perspectiva *hermenêutica*: sem a determinação de critérios para a identificação dos *frames*, a avaliação cai em uma “caixa-preta metodológica”.

A quarta perspectiva é a *assistida por computador*. Essa perspectiva está preocupada com a criação de métodos mais objetivos e confiáveis e se parece bastante com a perspectiva *linguística*, porém conta com o auxílio de computadores no processamento das informações. Miller e Riechert (2001), por exemplo, trabalham com a ideia de mapeamento dos *frames* (*frame mapping*). Os autores partem da mesma noção de Entman (1993) de que os enquadramentos se manifestam pelo uso de palavras específicas. Assim, o mapeamento dos *frames* pode ser descrito como um método de encontrar palavras específicas que aparecem juntas em alguns textos e que tendem a não ocorrer juntas em outros (Miller e Riechert, 2001). Neste aspecto, entra a ajuda dos computadores. Essas recorrências de grupos de palavras são identificadas com o auxílio de algoritmos de agrupamento<sup>3</sup> (*cluster algorithms*). Esses algoritmos agrupam de acordo com as variáveis que são indicadas pelo pesquisador. No caso de Miller e Riechert (2001), as variáveis eram as palavras, sendo que os algoritmos agrupavam os textos com frequências similares de determinados termos.

Uma vantagem clara desse método é a objetividade na identificação dos *frames*, que não são encontrados pelos pesquisadores, mas sim pelos algoritmos. Porém, ainda que promova importantes contribuições para o avanço da *frame analysis*, esse método acaba por reduzir os enquadramentos a grupos de palavras (Matthes e Kohring, 2008). Assim, menos que *frames*, os pesquisadores acabam por descobrir os tópicos das histórias. Além disso, nem sempre é necessário que algumas palavras sejam recorrentes para serem centrais no sentido do texto (Hertog e Mcleod, 2001). Sendo assim, Matthes e Kohring (2008) ressaltam que a maior lacuna do “mapeamento dos *frames*” de Miller e Riechert não é a falta de confiabilidade, mas sim, de validade.

O quinto método que Matthes e Kohring (2008) identificam entre os estudos é o que eles chamam de abordagem *dedutiva*. Segundo os autores, todos as outras perspectivas identificam os *frames* de forma indutiva. Porém, alguns trabalhos identificam os enquadramentos na literatura e então os codificam em uma análise de conteúdo padronizada. É o caso de estudos que partem de *frames* genéricos, que não são identificados conforme o tema, mas sim, já previamente criados. Como Iyengar (1991) e os enquadramentos episódico e temático, ou Semetko e Valkenburg (2000) e os enquadramentos do conflito, interesse humano, consequências econômicas, moralidade, e responsabilidade.

Como afirmam Matthes e Kohring (2008), esses métodos apresentados acima não são mutuamente exclusivos e, em uma mesma pesquisa, podemos encontrar procedimentos que

são tidos como pertencentes a diferentes perspectivas. O mais interessante da diferenciação é justamente perceber onde cada abordagem falha e onde ela fornece elementos confiáveis e válidos para a análise dos enquadramentos da mídia. Na próxima seção, especificaremos o que estamos chamando de *análise indireta dos enquadramentos*. Como pretendemos evidenciar, esse método não é exatamente novo, mas surge da junção de elementos dos outros tipos de métodos relatados acima. Ele busca aprimorar a identificação dos enquadramentos a partir de uma perspectiva cultural.

### A análise indireta de enquadramentos

Nossa proposta metodológica acompanha o método desenvolvido por Matthes e Kohring (2008). O que nomeamos como *análise indireta dos enquadramentos* parte de uma noção comum com o trabalho de Matthes e Kohring (2008) que é a ideia de desmembrar o enquadramento em elementos. Mas não elementos que indiquem apenas palavras/grupos de palavras ou as temáticas, assim como o fazem as perspectivas *lingüística* e *assistida por computador*. Não descartamos a importância desses elementos – palavras específicas e temáticas, e mesmo a utilização de softwares que auxiliam no cruzamento de dados – para a identificação dos *frames*, mas acreditamos que somente eles não são suficientes para tal. Isso porque a abordagem cultural, que é uma perspectiva mais ampla acerca dos *frames*, indica que não são apenas palavras, mas, sim, contextos e sentidos indiretos, os responsáveis por um padrão específico de entendimento acerca de uma temática em um texto midiático.

Nesse sentido, nossos elementos de enquadramento tentam detectar nos textos, a partir de aspectos mais objetivos e, portanto, menos complexos, aqueles princípios mais abstratos que formam os enquadres. Partimos da premissa que a conjugação de elementos passíveis de serem codificados mais objetivamente do que o enquadramento em si fornece as pistas para compreender um dado *frame* no texto. Logo, na codificação ou na aplicação empírica do conceito de enquadramento, torna-se mais fácil identificar elementos que juntos podem expressar um *frame*. Este procedimento pode fornecer uma confiabilidade e também uma validade mais significativa à pesquisa do que a detecção direta dos próprios enquadramentos.

O método de Matthes e Kohring (2008) se baseia na ideia de que é preciso identificar claramente quais são os elementos singulares dos *frames*. Reconhecendo a importância das outras abordagens, os autores tentam construir uma metodologia que não seja tão problemática em termos de

confiabilidade, como aquelas que tentam capturar os significados culturais de um texto de forma direta – perspectiva *hermenêutica* –, e em termos de validade, como as que se baseiam apenas nos aspectos textuais das mensagens – *linguística* e alguns estudos da *assistida por computador*. Os autores então descrevem como será o novo procedimento:

“ [...] nós entendemos um enquadramento como um certo padrão em um dado texto que é composto por diversos elementos. Esses elementos não são palavras, mas componentes ou dispositivos dos enquadramentos previamente definidos. Ao invés de codificar diretamente o enquadramento como um todo, nós sugerimos partir o enquadramento em seus elementos isolados, os quais podem ser mais facilmente codificados em uma análise de conteúdo. Depois disso, uma análise dos agrupamentos desses elementos deve revelar os enquadramentos. Isso significa que quando alguns elementos agrupam-se sistematicamente de uma forma específica, eles formam um padrão que pode ser identificado através de diversos textos em uma amostra. Nós chamamos esses padrões de enquadramentos (Mattes e Kohring, 2008, p. 263, tradução nossa).

A noção de *elementos* de enquadramento nos parece bem similar à ideia de “pacote interpretativo”, de Gamson e Modigliani (1989). Segundo os autores, os “pacotes interpretativos” (*interpretative packages*) têm uma estrutura interna que abriga uma ideia organizadora central, o enquadramento. Os pacotes oferecem um número de símbolos condensados – eles chamam de dispositivos – que sugerem o cerne do enquadramento.

Os autores dividem os dispositivos simbólicos entre os de enquadramento (*framing devices*) e os de justificação (*reasoning devices*). Os primeiros sugerem como pensar sobre uma questão ou fornecem a estrutura para “ler” o tema. Os últimos justificam o que deveria ser feito sobre esse dado assunto, fornecem argumentos ou razões. Os dispositivos de enquadramento são: 1) as metáforas; 2) os exemplos; 3) os slogans ou chavões; 4) as representações e 5) as imagens visuais. Já os dispositivos de justificação são: 1) as origens ou causas; 2) as consequências ou possíveis efeitos; 3) e o apelo a princípios. Conforme Gamson e Modigliani (1989), o pacote interpretativo pode ser resumido em uma matriz de assinatura que estabelece o enquadramento. Essa matriz tem oito diferentes tipos de elementos – os dispositivos – que sugerem esse cerne de maneira condensada.

Resumidamente, os pacotes interpretativos são agrupamentos formados por determinados dispositivos simbólicos e que têm como essência o enquadramento, que seria um princípio abstrato e geral. Dessa forma, é possível permitir um certo nível de controvérsia mesmo entre aqueles que compartilham um mesmo *frame*, já que a ideia central está sempre presente. Sendo assim, os pacotes implicam uma faixa de posições mais do que um único grupo fechado de símbolos.

A partir do desmembramento do enquadramento em elementos componentes de um “pacote interpretativo”, os *frames* não são identificados de antemão e nem codificados em uma variável singular. Como afirmam Matthes e Kohring (2008, p. 264), “elementos singulares dos enquadramentos alcançam uma confiabilidade maior em comparação com enquadramentos holísticos, abstratos”. Outra característica da análise indireta é que os codificadores não sabem quais os enquadramentos estão codificando, já que eles não trabalham com os enquadramentos como unidades singulares. Assim, o impacto dos esquemas interpretativos dos próprios codificadores e suas expectativas é mais baixo. Nesse sentido, Gamson e Modigliani (1989) parecem ir na mesma direção de Matthes e Kohring (2008), que, porém, avançam na sistematização mesma da análise, indicando não só operadores, como a forma como são encontrados os *frames*: através de algoritmos de agrupamento.

Matthes e Kohring (2008) indicam a necessidade, para esse tipo de análise, de um conceito de enquadramento que dê conta de fornecer definições operacionais dos elementos dos *frames* de forma clara. Eles partem da definição dada por Entman (1993)<sup>4</sup> e levam em conta os seguintes elementos: *definição particular do problema* – que se subdivide em *atores* e *subtópicos* –, *causas*,  *julgamentos morais* e *soluções*. Contudo, eles indicam que o método não só poderia ser aplicado à definição de Entman, como a qualquer outra que indique os elementos dos *frames*.

Como afirmamos, nossa proposta segue a perspectiva proposta por Matthes e Kohring (2008), porém o paradigma sob o qual está estruturado os trabalhos de Entman (1993) é divergente do nosso paradigma de trabalho<sup>5</sup>. Nesse sentido, os elementos indicados por Gamson e Modigliani (1989) como componentes do pacote interpretativo podem fornecer um caminho inicial para uma aplicação metodológica refinada e que, além disso, consiga identificar os enquadramentos culturais. Nossas opções teórico-conceituais se aproximam dos estudos desenvolvidos sob a perspectiva *hermenêutica*, mas consideramos que os métodos empregados nesses trabalhos são bastante problemáticos.

Contudo, ainda que adotemos o paradigma e conceito de Gamson e Modigliani (1989), os dispositivos de justificação apontados por esses autores são muito próximos dos elementos indicados por Entman (1993) como constituintes do enquadre. Quando Matthes e Kohring (2008) retrabalham esses elementos, eles são explorados ainda com mais clareza empírica do que os de Gamson e Modigliani (1989). Sendo assim, em nossa aplicação empírica, utilizamos os dispositivos de enquadramento de Gamson e Modigliani (1989) – *metáforas, exemplos, slogans, representações e imagens visuais* –, em conjunto com os elementos de Entman (1993) – *definição particular do problema (atores e subtópico), interpretação causal, avaliação moral, e recomendação de tratamento*. Nesse sentido, adotamos a ideia de matriz de assinatura de Gamson e Modigliani (1989), em que esses diferentes elementos indicam o que está em questão no texto, o cerne da significação, com algumas modificações decorrentes da clareza empírica do trabalho de Matthes e Kohring (2008). A substituição dos dispositivos de justificação de Gamson e Modigliani (1989) pelos elementos de Entman (1993) foi feita levando em conta tal clareza e também a similaridade da função dos elementos para o pacote interpretativo.

Por fim, ressaltamos que menos que indicarmos uma matriz fixa de elementos, essas variáveis precisam ser avaliadas levando em conta o tipo de material da análise – impresso, televisivo, digital, de rádio etc. –, o formato do conteúdo e mesmo a temática em questão. Em nossa pesquisa empírica, a temática da deficiência, por exemplo, nos apontou a necessidade de acrescentarmos dois elementos que não fazem parte desses listados acima. No trabalho que serviu de base para este artigo, adicionamos os dispositivos *rubrica*, que diz da seção do veículo em que estava publicada a notícia, e *termos*, que especifica a nomenclatura utilizada para fazer menção à pessoa com deficiência no texto. A *rubrica* fez parte da *definição particular do problema*, juntamente com os *atores* e o *subtópico* e o elemento *termos* foi acrescentado aos *framing devices* de Gamson e Modigliani (1989)<sup>6</sup>. A seguir, nossa matriz de assinatura:

**Tabela 1 – Elementos do enquadramento**

<i>Framing devices</i>	<i>Reasoning devices</i>
<i>Substituídos pelos elementos de Entman (1993)</i>	
– metáforas	– definição particular do problema (atores, subtópicos e rubricas)
– exemplos	– causas
– <i>slogans</i>	– julgamentos morais
– representações	– soluções
– imagens visuais	
– termos	

## Testando a metodologia: a aplicação empírica da análise indireta de frames

Nossa análise é dividida em etapas, em que utilizamos alguns procedimentos comuns às outras perspectivas apontadas acima. Numa primeira etapa, recorremos ao método tradicional da perspectiva *holística manual* de criação de uma lista de códigos. Nesse estágio, contamos com as informações retiradas de outros estudos sobre deficiência e com a leitura aprofundada de todo o material da análise para a listagem exaustiva dos itens de cada elemento. Essa primeira leitura indica as categorias de nosso *codebook*, com o desdobramento de variáveis como, por exemplo, “exemplos”, nos diversos exemplos acionados nas notícias<sup>7</sup>. Posteriormente, esses itens foram aglutinados quando similares. Nesse sentido, cabe mencionar, numa primeira lista de códigos do dispositivo  *julgamentos morais*, por exemplo, figuravam 48 tipos distintos de julgamentos, que, posteriormente, se transformaram em 12, através da junção de itens empíricos similares. Essa lista de códigos foi feita e refeita diversas vezes.

É importante ressaltar que, em muitos momentos, não foi possível a redução acentuada dos itens, já que eles não podiam ser unidos por serem absolutamente distintos. Por isso mesmo, no cruzamento dos dados, desconsideramos aqueles itens que não tivessem a recorrência mínima de 5% – Matthes e Kohring (2008) também adotam tal estratégia. Assim, quando alguns itens não podiam ser agrupados para aumentar a reincidência e, desta forma, se tornarem dados relevantes, eles permaneciam separados e, então, no cruzamento dos dados, eram desconsiderados. Na lista de códigos final, cada elemento de enquadramento teve o seguinte número de itens: Exemplos: 36; *Slogans*: 34; Termos: 11; Atores: 21; Subtópicos: 18; Rubricas: 18; Causas: 15; Soluções: 19; e, *Julgamentos Morais*: 12.

Como é possível perceber, alguns elementos de enquadramento enumerados em nossa matriz de assinatura não foram listados aqui. As variáveis *metáforas*, *representações* e *imagens visuais* foram retiradas de nossa análise posteriormente à definição da matriz de elementos. A primeira pela baixa ocorrência nos textos; a segunda pela dificuldade de identificação objetiva e clara em nosso material de análise; e a terceira por problemas técnicos que tivemos em parte da amostra. Elas foram eliminadas deste cruzamento de dados, mas podem contribuir para a identificação dos enquadramentos em outros estudos.

Precisamos também fazer alguns apontamentos sobre a codificação das notícias. O primeiro ponto a ser ressaltado é que nossa unidade de análise foi a notícia em função da extensão do *corpus*

*e* tempo de realização da pesquisa. O segundo ponto é o de que, na ficha de codificação, em cada um dos elementos de enquadramento, mais de um item de uma mesma variável poderia figurar, assim como nenhum poderia se aplicar. Não necessariamente uma notícia aponta claramente uma *causa* para o problema da deficiência ou uma *solução*. Algumas matérias não tinham  *julgamentos morais* ou *exemplos*. Já em outras, eram utilizados dois *exemplos*, mais de um *slogan*, várias *causas* e *soluções* eram apontadas. Enfim, sempre que se fazia claro no texto que existia mais de um item de um mesmo elemento presente, eles eram marcados na ficha de codificação. As exceções eram os dispositivos *rubrica* e *subtópico*, que eram preenchidos por apenas um item. O terceiro ponto relacionado à codificação que merece destaque é a aplicação de um teste de confiabilidade da codificação da amostra em 10% dos textos. Este teste analisa a codificação feita por dois ou mais codificadores para perceber o nível de concordância entre eles. Alcançamos o índice de 0.70 de concordância, na codificação feita por dois codificadores, em 10% da amostra.

Com relação ao cruzamento efetivo dos dados, é preciso também esclarecer algumas questões. Primeiro, nosso cruzamento foi feito por ano. Nesse período de 1960 a 2008, selecionamos sete anos específicos, através de saltos de oito em oito anos na amostra – 1960, 1968, 1976, 1984, 1992, 2000 e 2008. Os resultados são apontados em relação à totalidade de notícias de cada ano e, assim, nos fornecem o panorama de enquadramentos daquele período.

Em segundo lugar, o software utilizado para o manuseio dos dados – *RapidMiner* – agrupou as notícias de acordo com as características apontadas por cada matéria. Nesse sentido, utilizamos uma ferramenta de *clustering*, assim como Miller e Riechert (2001), porém as variáveis levadas em conta não eram palavras mas, sim, os elementos de enquadramento. Este software então criou grupos os mais semelhantes internamente e os mais distintos com relação aos outros grupos. Os enquadramentos encontrados são decorrentes dos grupos formados pelo software – cinco *frames* em um ano significam cinco grupos formados no cruzamento dos dados. Para exemplificar, apresentamos a seguir um exemplo do tipo de resposta que o software nos fornecia. Observe os resultados retornados no cruzamento dos dados de 1984:

**Tabela 2 – Grupos formados em 1984**

Número de notícias do grupo	Elemento de enquadramento	Item empírico do elemento	Reincidência nas notícias desse grupo
26	Causa	Foco no aspecto físico. O problema é visto como físico, corporal, a deficiência em si.	69%
	Termos	Técnicos ou oriundos da medicina.	57%
	Subtópico	Medicina   Saúde   Ciência   Tecnologia	57%
	Solução	Está na medicina, na área da saúde, através de cirurgias, próteses, transplantes ou então na ciência, através de pesquisa.	53%
	Atores	Campo médico   Saúde	46%
11	Subtópico	Cidadania   Direitos   Questões legais	81%
	Termos	Que focam na deficiência em si e não na incapacidade para certas.	72%
	Slogans	Que ressaltam a noção de direitos e de cidadania, de reconhecimento, de luta contra injustiças, ou que falam de leis, de políticas afirmativas etc.	63%
	Causa	O problema é visto sob o ponto de vista legal, como problemas com a legislação vigente ou requisição de direitos.	54%
	Solução	Passa por mudanças legais, como edição de novas leis ou modificação das já existentes, ou pela concessão de direitos já adquiridos etc.	45%
	Solução	A solução está na ação do Estado para resolver problemas, seja através de medidas governamentais ou investimento público.	45%
	Rubrica	Geral   Cotidiano   Grande Rio   Bairros   Interior	45%
	Julgamento moral	Deficiência ou a pessoa com deficiência sendo associadas a julgamentos, sentimentos ou características negativos.	45%
	Causa	O foco do problema é a questão financeira, o déficit em assistência.	45%

Nossa análise se guiou por esse tipo de informação, fornecida pelo software no cruzamento dos dados de cada ano. A partir das características mais marcantes dos grupos, retornamos às notícias alocadas neles e analisamos o ambiente sócio-histórico para então nomearmos os enquadramentos de cada conjunto<sup>8</sup>. No caso do exemplo acima, o grupo de 1984 que tem

26 notícias foi nomeado como *enquadramento médico* e o que contém 11 textos foi chamado de conjunto do *enquadramento dos direitos*. Os grupos de todos os outros anos também foram nomeados segundo as características recorrentes. Alguns enquadramentos ocorreram em mais de um ano e a nomeação de grupos de anos distintos como sendo do mesmo enquadramento levou em conta a proximidade das características marcantes dos conjuntos.

Sobre o cruzamento dos dados, merece destaque, em terceiro lugar, o fato de que o *software* não define o número de grupos a ser formado, o que cria um problema, tendo em vista que não sabemos, *a priori*, exatamente quantos enquadramentos povoam as notícias da mídia em um dado momento. E se temos que definir uma quantidade de grupos a ser formada, acabamos por definir o número de enquadramentos que irá aparecer nos resultados. Para solucionarmos tal entrave, optamos, num primeiro cruzamento dos dados, pelo agrupamento em quatro conjuntos de matérias em cada período/ano analisado. A partir dos resultados encontrados nesta primeira análise, o processo era refeito, aumentando-se o número de grupos ou os reduzindo. Tínhamos

como informação para basearmos nossas escolhas em termos de aumentar ou reduzir o número de grupos, a lógica interna dos dados gerados no primeiro cruzamento. Em outras palavras, o primeiro cruzamento dos dados, em que indicamos ao *software* que agrupasse quatro conjuntos de matérias semelhantes por ano, nos dava indícios da necessidade de mais grupos em um determinado ano ou então da retirada de grupos<sup>9</sup>.

Enfim, apresentamos o quadro geral de enquadramentos (Fig. 1). Neste gráfico, temos exatamente os enquadramentos encontrados em cada ano e a porcentagem de recorrência de cada um deles em relação à totalidade de notícias daquele mesmo ano.

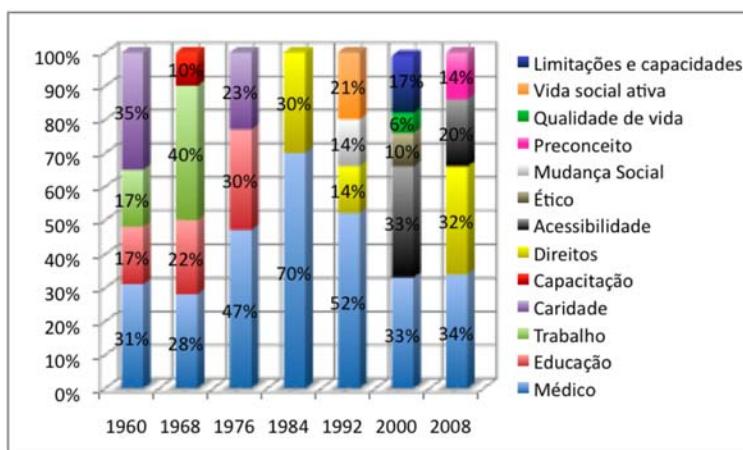


Fig. 1 – Panorama de enquadramentos

Ressaltamos, por fim, que, apesar dos nomes que atribuímos para alguns enquadramentos sugerirem que são grupos apenas temáticos, cada um desses conjuntos de notícias tem *causas*, *soluções*,  *julgamentos morais*, *slogans*, etc., específicos, que indicam não apenas um tema, mas uma forma específica de compreensão da questão. Como já indicamos, o objetivo aqui não é discutir os achados empíricos ou efetivamente fazer uma análise dos dados. Contudo, ressaltamos que a *análise indireta dos enquadramentos* forneceu subsídios para a identificação de uma evidente mudança dos valores vigentes sobre a temática da deficiência no decorrer do tempo. Ainda que o enquadramento médico esteja presente, de maneira significativa, ao longo de todo período, alguns enquadramentos – como os da capacitação, educação e da caridade – desaparecem e cedem lugar a outros enquadramentos que surgem – como os da acessibilidade, vida social ativa e direitos. Esta mudança sugere um relevante processo de aprendizado social, que pode ser visualizado sobretudo através do surgimento de uma linguagem baseada em direitos a partir dos anos 80.

### **Considerações finais**

Este artigo teve por objetivo apresentar a *análise indireta de enquadramentos da mídia*, uma metodologia que busca garantir maior validade e confiabilidade para estudos que optam por uma perspectiva de natureza mais cultural acerca dos *frames*. Menos que discutir detalhadamente os resultados da pesquisa empírica que serviu de base para o texto, nosso intuito foi o de explorar os métodos aplicados em tal estudo. Nesse sentido, buscamos demonstrar, com detalhes, os passos dados na aplicação empírica da metodologia. Nosso intento é contribuir para o debate acerca dos métodos utilizados para a identificação de enquadramentos da mídia.

Sintetizamos aqui certos ganhos que tal metodologia pode propiciar. Ao afirmarmos que a análise indireta de enquadramentos define os *frames* a partir de elementos mais objetivos do que o próprio enquadre, e que, por isso, há um ganho em objetividade no método, não estamos, entretanto, nos referindo a uma objetividade absoluta. Não questionamos a importância da presença da perspectiva do pesquisador em todo momento da análise. O intuito aqui foi de experimentalmente produzir uma análise que se baseasse não em variáveis amplamente subjetivas e complexas de se identificar, mas, sim, em variáveis mais claramente diferenciáveis e mais simplificadas. Neste sentido, se justifica nossa opção pela geração indireta dos enquadramentos, através de elementos mais explícitos do que o próprio *frame*. Todavia, essa opção não retira da análise a subjetividade, inerente à pesquisa em ciências sociais. A construção das variáveis

ainda que seguida da codificação de um codificador externo para conferir maior validade, tem claramente aspectos subjetivos. Além disso, o próprio agrupamento das notícias, em que o pesquisador precisa indicar ao *software* o número de grupos em cada ano, apresenta também esse caráter. Contudo, nos parece que a construção do processo da *frame analysis* através de procedimentos de apreensão indireta dos enquadramentos é uma alternativa concreta para o aprimoramento do próprio método.

Ainda com relação aos procedimentos metodológicos, diferentes estratégias desenvolvidas por outras perspectivas metodológicas também podem ser aplicadas, além das que utilizamos aqui, para a análise dos enquadramentos sob um ponto de vista cultural. Por exemplo, a identificação dos *subtópicos* das notícias pode ser feita em uma etapa anterior de agrupamento, através de procedimento semelhante ao “mapeamento dos *frames*” de Miller e Riechert (2001). Grupos de palavras podem não identificar os enquadramentos em si, mas se são úteis para a detecção dos tópicos das histórias, eles podem ser válidos para aumentar a confiabilidade da identificação da variável *subtópico*.

Também precisamos ressaltar, por fim, que a promoção de uma matriz de assinatura, em que diferentes dispositivos dos pacotes interpretativos indicam, em conjunto, os enquadramentos, não deve ser compreendida como a defesa de uma matriz única e fixa. Fizemos apostas em elementos que não faziam parte das variáveis analisadas em outros estudos e esses dispositivos se mostraram bastante elucidativos com relação à constituição dos pacotes interpretativos. Portanto, a criação de uma matriz de elementos apenas fornece um escopo para futuras pesquisas. Nossa tentativa foiclarear alguns pontos que tradicionalmente ficam obscurecidos nas análises de enquadramento e, subsequentemente, dar continuidade ao processo de debate metodológico. ●

## NOTAS

<sup>1</sup> O *Journal of Communication* criou, inclusive, uma edição temática (v. 57, 2007) para discutir questões relacionadas às noções de *frame* e *priming*, justamente com o objetivo de estruturar teórico-conceitualmente tais campos de estudo.

<sup>2</sup> A pesquisa, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, em nível de mestrado, buscou analisar a cultura pública mediada sobre o tema da deficiência com base nos enquadramentos presentes no material jornalístico de alguns dos principais veículos de comunicação do país. O estudo se estendeu de 1960, quando tem início a tematização pública do assunto, até 2008, e indicou uma intensa pluralização

em termos de enquadramentos nas últimas décadas, com o fortalecimento de uma perspectiva de direitos que até os anos 80 não tinha visibilidade. Os resultados obtidos contestam o ceticismo de estudos prévios quanto à mudança dos valores relacionados ao assunto. A análise a longo prazo, ao comparar os enquadramentos midiáticos atuais com os de décadas passadas, demonstrou um profundo processo de aprendizado social sobre a temática.

- <sup>3</sup> Algoritmos são uma sequência lógica de instruções para a solução de um problema. Frequentemente, eles são usados para cálculos e processamento de dados. Os softwares são a “materialização” dos algoritmos. Dessa forma, os algoritmos são as regras que vão guiar o funcionamento dos softwares. Existem diversos tipos de algoritmos, alguns são empregados em programas que são utilizados mais rotineiramente, como editores de texto, e outros em softwares para usos mais específicos, como softwares de análise de dados, como o SPSS, SAS e o Atlas.TI. Diversos softwares oferecem ferramentas de agrupamento.
- <sup>4</sup> “Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicacional, de forma a promover uma definição particular para o problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento” (Entman, 1993, p. 52, itálico no original, tradução nossa).
- <sup>5</sup> Chamamos de paradigma a concepção de Gamson e Modigliani (1989) de que os enquadramentos midiáticos estão relacionados com as formas de entendimento também presentes na sociedade. Entman (1993) trabalha como noção de enquadramento mais individualizada, ele “descola” o enquadramento midiático das formas de interpretação gestadas no ambiente social.
- <sup>6</sup> No caso deste tema, o fato de a notícia estar publicada no caderno de Saúde ou no de Política corrobora para a construção de uma rede de sentidos específica. Entretanto, na análise de um escândalo político, por exemplo, não teria grande utilidade a adição do elemento *rubrica*, já que todas as notícias desse gênero são publicadas em um mesmo caderno.
- <sup>7</sup> O elemento *slogans*, por exemplo, se converteu em uma lista como essa:
  - 1. Que ressaltam a necessidade de se ajudar a pessoa com deficiência, com expressões como “é preciso carinho e compreensão no cuidado com a pessoa com deficiência”, “a pessoa com deficiência não pode ser abandonada” ou ainda “a pessoa com deficiência pode ser ajudada”;
  - 2. Que indicam a necessidade da pessoa com deficiência superar a deficiência. É quase uma busca incessante por cura, por ser normal, ou o mais próximo possível;
  - 3. Que indicam a necessidade ou a ideia de preparação para viver na sociedade, como as ideias de “integração”, “recuperação”, “reabilitação”, “readaptação” ou “reeducação”.
- <sup>8</sup> Para a análise detalhada dos dados, consultar Vimieiro (2010).
- <sup>9</sup> Por exemplo, quando o agrupamento gerava um grupo muito pequeno e que não tinha nenhuma das três categorias que mencionamos acima que foram as mais relevantes para a definição dos *frames* (*subtópico*, *causas* e *soluções*) como recorrentes, então tínhamos um indício de que havíamos criado grupos a mais ou tínhamos solicitado ao *software* que gerasse enquadramentos além dos que efetivamente estavam presentes na amostra. Ou, quando determinado ano gerava dois grupos médios com inúmeras características definidoras, então refazíamos o cruzamento aumentando o número de grupos e, então, verificávamos a lógica interna dos agrupamentos.

## REFERÊNCIAS

- D'ANGELO, Paul. News framing as a multiparadigmatic research program: a response to Entman. *Journal of Communication*, v. 52, n. 4, p. 870-888, 2002.
- DOWNS, Douglas. Representing gun owners: frame identification as social responsibility in news media discourse. *Written Communication*, v. 19, p. 44-75, 2002.
- ENTMAN, Robert. M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Projections of power: framing news, public opinion, and U.S. foreign policy*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.
- GAMSON, William.; MODIGLIANI, Andre. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. *American Journal of Sociology*, v. 95, p. 1-37, 1989.
- GAMSON, William. *Talking politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- GITLIN, Todd. *The whole world is watching: mass media in the making & unmaking of the new left*. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- HERTOG, James. K; MCLEOD, Douglas. M. A multiperspectival approach to framing analysis: a Field guide. In: REESE, Stephen. D.; GANDY JR., Oscar. H.; GRANT, August. E. (Ed.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of social life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, p. 139-161, 2001.
- IYENGAR, Shanto. *Is anyone responsible? How television frames political issues*. Illinois: University of Chicago Press, 1991.
- KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos. Choices, values and frames. *American Psychologist*, v. 39, p. 341-395, 1984.
- MATTHES, Jörg.; KOHRING, Matthias. The content analysis of media frames: Toward improving reliability and validity. *Journal of Communication*, v. 58, n. 2, p. 258-279, 2008.
- MILLER, Mark M.; RIECHERT, Bonnie Parnell. The spiral of opportunity and frame resonance: mapping the issue cycle in news and public discourse. In: REESE, Stephen. D.; GANDY JR., Oscar. H.; GRANT, August. E. (Ed.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of social life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, p. 107-121, 2001.
- REESE, Stephen. D. Prologue – framing public life: a bridging model for media research. In: REESE, Stephen. D.; GANDY JR., Oscar. H.; GRANT, August. E. (Ed.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of social life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, p. 7-31, 2001.

- SEMETKO, H. A.; VALKENBURG, P. M. Framing european politics: a content analysis of press and television news. *Journal of Communication*, v. 50, p. 93-109, 2000.
- TANKARD, James. W. The empirical approach to the study of media framing. In: REESE, Stephen. D.; GANDY JR., Oscar. H.; GRANT, August. E. (Ed.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of social life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, p. 95-106, 2001.
- VIMIEIRO, Ana Carolina. *Cultura pública e aprendizado social: a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira (1960-2008)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- ZHONGDANG, Pan; KOSICKI, Gerald. M. Framing as a strategic action in public deliberation. In: REESE, Stephen. D.; GANDY JR., Oscar. H.; GRANT, August. E. (Ed.). *Framing public life: perspectives on media and our understanding of social life*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, p. 35-65, 2001.